

Política

Um longo e quente verão

GERALDO FORBES

Engraçado como funciona a cabeça. O título é o mesmo de um velho filme com o Orson Welles e a Janet Leigh. The Long Hot Summer, traduzido aqui como A Marca da Maldade. Nele, o gigantesco Welles fazia o papel de um prefeito vaidoso, arbitrário e truculento de uma cidadezinha perdida na poeira do meio-oeste americano.

Mas o que se procurava era uma expressão para retratar o que os próximos cem dias vão ser para patrões e empregados. Desta vez, todo mundo vai sofrer e muito os rigores da estação. E preve-se que o calor será particularmente intenso em São Paulo, pela simples razão que é aqui que se concentra mais da metade da economia nacional.

No Nordeste, a coisa não será muito mais dramática do que já habitualmente é. Quanto mais pode piorar o miserável Piauí, agora reduzido à falência absoluta pelo governo enlouquecido do sr. Alberto Silva? Já no Sul, e especialmente em nosso Estado, se se confirmarem os indícios poderemos ter uma depressão de um grau jamais visto antes.

Em princípio, o governo federal está certíssimo na sua insistência no combate à inflação. De sua eliminação, não resta qualquer dúvida, depende o futuro do País. É lógico, porém, que só haverá sucesso, se ao fim ainda existir o País para contar a história e cantar vitória.

E sempre difícil distinguir se o drama é de fato profundo ou se não passa da choradeira de praça entre os industriais, agricultores e comerciantes.

Este pranto porém não é manda, o que torna muito delicada a posição do governo. Para prosseguir na rota que se tracou, é preciso muita sensibilidade para o mundo do isolamento do presidente e a sua complicada personalidade contribuem apenas para aumentar a insegurança e o receio generalizados.

A inexperience e as limitações da ministra Zélia e seus auxiliares também não ajudam e a sua atitude, entre arrogante e defensiva, só serve para aumentar as desconfianças mútuas e assim piorar o quadro. Exemplos óbvios são a sua teimosia na sobrevalorização do cruzado e na escorchante taxa

de juros.

A primeira até ser corrigida causou muito choro e ranger de dentes e a segunda vai levando muita gente para o cemitério, ao som dos risos dos rentistas e dos onzenários, estabelecidos sob disfarce de bancos e corretoras. Dois erros cavalares e muito sofrimento e prejuízo desnecessário.

O sofrimento dos assalariados também não é brincadeira e só a certeza de sua brevidade, antes do paraíso da estabilidade de preços, é que poderia justificá-lo. O governo entretanto não quer nem saber. As conversas do pacto foram utilizadas para ganhar tempo e, se alguma coisa, o arrocho vai aumentar ainda mais.

Agora estão sendo anunciadas outras medidas duras. O aperto nos Estados e nos seus bancos, reconheça-se, é providêncial em si mesma acertada e que há muito devia ter sido tomada. Acontece que neste momento, com a contração de crédito, o calote nas dívidas estaduais (depois do bacanal das campanhas) vai jogar gasolina na fogueira.

A perspectiva, como se vê, é de um verão muito quente e muito longo. A insatisfação de funcionários, empregados, patrões, prefeitos e governadores promete atingir níveis próximos do ponto de ebullição.

A Presidência no Brasil é de tal forma imperial e o Congresso e o Judiciário duas bananas tão nanicas, que nada, nem os grunhidos dos militares que o sr. Collor corteja nas festinhas, pode forçá-lo a fazer o que não quer. O mesmo vale para os governadores, de saída ou em chegada.

Isto é que é ruim. Sem oposição, o sr. Collor pode errar ainda muito e se se mantiver surdo e cego, as mudanças e correções só virão no bojo de uma grave ruptura social e política.

Para evitá-la, sem renunciar à estratégia antiinflacionária, o presidente tem duas saídas. A primeira, recomendada pelo bom senso, é compor-se com a sociedade, ouvindo as suas ponderações, em um grande entendimento nacional. Deste, até-agora só falsos sinais.

A segunda, que só pode piorar as coisas, será insistir na visão exclusivista e autocrática, cooptando, para evitar seu sitiamento, um ou mais de três grupos: os militares, à la Jânio, os descamisados, à la Peron, ou os Estados mais atrasados e seus políticos idem à la Collor mesmos. Há alguns sinais inquietantes, como o discurso de Taguatinga, da tentação que o presidente tem de enveredar por este caminho.

Mas ninguém, nem mesmo o sr. Collor, parece saber qual será a sua opção. Mistério, mais insondável do que o saco do pai Nôel.